



## Inês de Castro: exercício de memória e de ficção

Rahissa Oliveira de Lima<sup>1</sup>  
Larissa de Souza Arruda<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo visitar algumas das diferentes versões da história de Inês de Castro, personagem histórica e também do imaginário português sob a luz da teoria da memória vis (memória como um exercício de potência, que vai além da memória mnemotécnica), de Aleida Assman (2011). Também levamos em consideração a natureza da própria narrativa ficcional como instrumento gerador de possíveis que cria diferentes versões da personagem e o confrontamos com a história que se quer estanque e que busca criar apenas uma versão da verdade para nossa personagem. A história da Rainha Póstuma e de seu amor com D. Pedro I ganhou narrativas diferentes com o passar do tempo e a personagem também teve suas características modificadas para atender a novos valores. Neste breve estudo trabalhamos com alguns cronistas medievais, pinturas, canções e poemas que trazem consigo a marca de sua época, mas que giram em torno da imagem inconclusa de Inês de Castro.

**Résumé:** Cet article vise à revisiter des versions différentes de l'histoire d'Inês de Castro, un personnage historique et aussi un personnage de l'imaginaire portugais à la lumière de la théorie de la mémoire vis (la mémoire comme un exercice de pouvoir, qui va au-delà de la mémoire mnémotechnique) d'Aleida Assman (2011). Nous avons également pris en considération la nature du récit fictionnel lui-même en tant qu'instrument générateur de possibilités qui crée différentes versions du personnage et le confrontons à l'histoire qui se veut étanche et qui cherche à créer une seule version de la vérité pour notre personnage. L'histoire de la Reine Posthume et de son amour avec D. Pedro I a gagné différentes narrations au fil du temps et le personnage a également vu ses caractéristiques modifiées pour répondre à de nouvelles valeurs. Dans cette brève étude, nous travaillons avec quelques chroniqueurs médiévaux, des peintures, des chansons et des poèmes qui portent la marque de leur époque, mais qui tournent autour de l'image inachevée d'Inês de Castro.

**Palavras-chave:** Inês de Castro; história; memória; ficção; narrativas.

**Mots-clés:** Inês de Castro; histoire; mémoire; fiction; récits.

<sup>1</sup> Professora de Língua Portuguesa da Rede Pública Estadual de Pernambuco e da Rede Municipal do Paulista. Mestre em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Pernambuco.

<http://lattes.cnpq.br/6513653303478994>

<https://orcid.org/0000-0002-0169-2198>

E-mail: [rahissa.oliveira@gmail.com](mailto:rahissa.oliveira@gmail.com)

<sup>2</sup> Professora adjunta de Língua Francesa e Literaturas de Expressão Francesa da Universidade Federal de Minas Gerais. Doutora em Letras Neolatinas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

<http://lattes.cnpq.br/2806999113601399>

<https://orcid.org/0000-0002-3772-3734>

E-mail: [larinh4@gmail.com](mailto:larinh4@gmail.com)





“[...] E quem disser que Inês é apenas mito  
-mente. E faz dela inútil pergaminho.  
E da poesia um animal sem vísceras”

Ivan Junqueira, *A Rainha Arcaica*, poema XIV

## Introdução

| 78

Todos conhecem o famoso ditado: “Agora é tarde, Inês é morta”. A expressão, empregada em língua portuguesa para dizer que já não é possível remediar um fato, tem sua origem na trágica história de amor de Inês de Castro e do herdeiro do trono português, D. Pedro I. Talvez muitos não conheçam sua devida origem e por isso devamos nesta introdução, começar pela sua história. E nesse ponto reside nossa primeira porta de discussão: pouco se tem como material histórico factual comprovado sobre a pessoa de Inês de Castro. Na realidade, sua história se permeia de ficção desde o início. Por tal razão, trazemos aqui a história contada em alguns registros que foram nossas fontes.

Em 1340, o rei D. Afonso IV concluiu as negociações necessárias para o casamento de seu filho, Pedro (futuramente, Pedro, O Justiceiro), com D. Constança, sua prometida desde a infância. Porém, Pedro apaixonou-se por Inês de Castro e o romance já não era surpresa. Em 1345, Constança morreu ao dar à luz a Fernando (futuramente, D. Fernando I). Viúvo, Pedro continuou seu romance com Inês, mas não assumiu seu relacionamento nem decidiu desposar outra mulher. Enquanto Inês vivia em Coimbra com os três filhos do casal, Pedro enfrentava a ira de seu pai contra a união que ameaçava a supremacia de Portugal, devido à influente família castelhana de Inês. Após 10 anos, em 1355, Afonso IV decide por executar a “colo de garça”, apelido atribuído à Inês. Contam os cronistas que o Rei ao encontrar-se com Inês, que suplicava pela vida ao lado dos três filhos, apiedou-se e queria perdoá-la, mas seus conselheiros exigiram que a sentença fosse cumprida (SANTOS, 2005). Rui de Pina (2009), em sua *Chronica Del Rei D.Afonso IV*, cita o nome dos três algozes: Diogo Lopes Pacheco, Pero Coelho e Álvaro Gonçalves. Inês acabou sendo degolada.

O príncipe ao saber da morte de sua amante ameaça lutar contra o pai, mas o Rei consegue apaziguar os ânimos ao atribuir mais funções políticas a seu filho (SANTOS, 2005). Em 1357, Pedro tornou-se rei, concretizando seus planos de vingança contra os três responsáveis pela morte de sua amada. Em 1360, Pedro declara ter se casado com Inês de Castro secretamente em Bragança. Entretanto, além da palavra do rei, não existem provas concretas dessa união legítima. Tal fato elevou D. Inês a rainha póstuma de Portugal e no ano seguinte seu túmulo foi transferido de Coimbra para Alcobaça, o que





lhe rendeu a alcunha de “Rainha depois de morta”. Pedro e Inês estão enterrados um de frente para o outro, contrariando o costumeiro “lado a lado” dos casais reais. Diz-se que era para que no dia do Fim, eles fossem os primeiros a se olhar.

São os fatos que não podem ser comprovados que permeiam ficção e realidade. O que é preciso para que a história se perca e mude? Versões diferentes. Neste artigo buscamos observar algumas das diferentes versões criadas para a figura controversa e tão pouco conhecida em vida da Rainha Morta. Amante zelosa, interesses políticos ou mártir injustiçada? Na impossibilidade de uma resposta que nos leve para a certeza, a ficção nos leva para o inconcluso. Buscamos observar como diferentes imagens foram construídas e como dialogam com a personagem de forma histórica e ficcional. Para tanto, traremos alguns conceitos de memória *vis* (ASSMAN, 2011) e outras referências a estudos sobre mito e literatura.

### **Inês: vítima ou mau exemplo?**

De acordo com Gilda Santos (2005), duas vertentes surgiram da história contada. Em uma vertente popular, Inês era vista como um mau exemplo, uma mulher manipuladora e que trabalhava pelo enfraquecimento da coroa portuguesa. Na vertente literária, vista como vítima inocente. Sobre a primeira visão, Neto (2021) afirma que

Na crônica medieval portuguesa, as mulheres da realeza ora aparecem como santas, a exemplo da rainha Isabel de Aragão ou da rainha Beatriz de Castela, ora como pecadoras. Nesse último quesito, encaixam-se figuras como Dona Teresa de Leão, a própria Inês de Castro e Dona Leonor Teles. Mulheres que, conforme acrescenta Carlos Roberto Nogueira, supostamente representaram “uma ameaça direta à sobrevivência do território português e a sua incorporação ao hegemônico reino de Castela” (2008 : 43). Afastando Inês da corte, o rei certamente esperava sossegar os nobres inconformados com aquele caso amoroso do príncipe.

Era interessante para a coroa real que Inês fosse considerada como uma usurpadora, assim veriam-se livres da possível influência da coroa espanhola. Ou seja, as crônicas que buscavam exaltar as ações do rei, pai de Pedro, tinham como trabalho justificar a ação comandada por ele de execução da dama. Maria Leonor Sousa (2020) coloca o seguinte ponto:

De facto, Inês de Castro é uma figura que só chegou até nós em atitudes passivas: foi trazida no séquito de uma princesa, foi exilada por um rei, mandada regressar por um príncipe e por ele aposentada





sucessivamente em diversas povoações, onde a tradição quase nada fixou, até ser morta por razão de uma vaga desconfiança política que a argumentação histórica muitas vezes tem posto em causa (2020 : 11).

Se a própria argumentação histórica coloca em questão o registro factual mais sólido que se tinha de Inês de Castro, observamos uma quebra da confiança no exercício de *memória ars* (ASSMAN, 2011). Segundo tal autora, a *memória ars* é a do exercício mnemotécnico, o exercício de memorização e de registro que preserva o que se acredita ser a verdade. Mas a concepção de verdade muda quando falamos de narrativa. Se antes as crônicas, como a de Rui de Castro (1936) que citamos em nossa introdução, eram consideradas como material histórico factual, tais versões dos contos das épocas dos reis começam a ser lidos com outros olhos. O olhar da desconfiança para com o mensageiro abre uma fenda imensa e inconclusa sobre a vida e morte de Inês de Castro e outros fatos que se seguiram. É desse material que nasce não a verdade, mas o verossímil.

É essa inconclusão que permite que outro exercício de memória proposto por Assman (2011) seja colocado em prática. A *memória vis* surge como uma alternativa para o exercício da memória enquanto mera citação e memorização e parte para a ideia de memória enquanto algo potencial. O passado, na *memória vis*, passa a ser visto como algo mutável a partir dos olhos do presente. Memória é potência. É vir a ser constante e se refaz:

O nexa entre recordação e identidade, algo que mnemotécnica se exime de abordar; ou seja, isso tem a ver com os atos culturais da recordação, da rememorização, da eternização, da remissão, da projeção e, por último, mas não menos importante, do esquecer, sempre embutido em todos esses atos. (ASSMAN, 2011 : 32-33)

Nesse ponto gostaríamos de relembrar um pouco do tom de fatalidade do ditado popular que consagrou Inês de Castro na boca do povo: é tarde. Tarde para fazer qualquer coisa para salvar a pessoa de Inês. É tarde, melhor deixar de lado. Melhor talvez seja esquecer. Não houve socorro em sua morte trágica, disso temos certeza. Essa parece uma frase que poderia ter sido dita e repetida a Pedro I dentro do exercício de *memória vis*: o esquecimento é trabalhado e retrabalhado em cada novo exercício de recordação. Parece-nos que ao afirmar em tom de desistência e abandono, talvez fosse melhor esquecer o episódio. E as ações de Pedro nos levam a crer que aparentemente foi esse exercício feito por ele enquanto príncipe. Não se casou novamente, mas tampouco insurgiu-se de forma a romper completamente com seu pai.





Pedro tinha talvez outro plano. Se por um lado a memória *vis* trabalhou para o silenciamento e esquecimento de Inês do lado de seus algozes, Pedro ao se tornar rei traz uma informação antes desconhecida e que não possui nenhum tipo de registro histórico ou até mesmo testemunhas: a de que chegou a casar-se com sua amada em Bragança. Que súdito iria contra uma declaração do próprio rei? Com o túmulo de Inês de Castro transferido para Portugal, torna-se a Rainha depois de morta. Para Pedro não era tarde o seu agora como em nosso ditado. Inês morreu para a vida mortal, mas continua vagando inconclusa na ficção que permeia sua trajetória no mundo. Como já diria Fernando Pessoa (2010 : 23):

(...)  
Assim a lenda se escorre  
A entrar na realidade.  
E a fecundá-la decorre.  
Em baixo, a vida, metade  
De nada, morre.

Então, na ficção, quem é Inês de Castro?

### **Da personagem ao mito**

Uma das histórias mais conhecidas de Inês de Castro enquanto Rainha Póstuma é a da cerimônia do beija-mão. Diz-se que D. Pedro I, para vingar-se dos nobres que apoiaram seu pai na execução de D. Inês, após o traslado do corpo de sua Rainha, fez com que o cadáver fosse coroado e que todos os nobres beijassem a mão pútrida do corpo. Digna do romantismo gótico, a cena foi retratada em tela pelo francês Pierre-Charles Comte em 1849, sob o nome de *Coroação de Inês de Castro em 1361* (figura 1).





Figura 1 - Coroação de Inês de Castro em 1361



Fonte: Pierre-Charles Comte, 1849

Segundo Joel Serrão (apud SANTOS, 2005 : 17) essa versão da história pertence às versões castelhanas do mito:

Este final desvairado e macabro, mais ao gosto castelhano do que português, parece realmente ter tido origem no país vizinho, sendo de formação bastante posterior ao século XIV.

Se um Pedro mais vingativo e um desfecho “desvairado e macabro” são interpretações mais ao gosto castelhano, a Inês indefesa se sobressai nas versões portuguesas de sua morte. Dentre as cenas que descrevem o sofrimento de Inês, temos a crônica do já citado Rui de Pina (1936 : 213): [...] trouxe ante si os três inocentes Infantes seus filhos netos de elRey, com cuja apresentação, e com tantas lágrimas, e com palauras assi piadozas pedio misericórdia [...]”.





A mesma cena, incluindo o momento em que usa seus filhos para pedir por piedade também aparece no Canto III dos Lusíadas (CAMÕES, 2021):

Ó tu, que tens de humano o gesto e o peito  
(Se de humano é matar ãa donzela,  
Fraca e sem força, só por ter sujeito  
O coração a quem soube vencê-la),  
A estas criancinhas tem respeito,  
Pois o não tens à morte escura dela;  
Mova-te a piedade sua e minha,  
Pois te não move a culpa que não tinha.

| 83

Um fator interessante de ressaltar é que se comenta tanto na crônica citada anteriormente quanto nos Lusíadas, uma versão piedosa do rei, como se ele estivesse de fato disposto a perdoar e desistir, mas que teria sido influenciado pelos nobres que o acompanhavam:

Queria perdoar-lhe o Rei benino,  
Movido das palavras que o magoam;  
Mas o pertinaz povo e seu destino  
(Que desta sorte o quis) lhe não perdoam.  
Arrancam das espadas de aço fino  
Os que por bom tal feito ali apregoam.  
Contra ãa dama, ó peitos carneiros,  
Feros vos amostrais – e cavaleiros?  
(CAMÕES, 2021)

Camões consegue em sua obra absolver em certa medida o rei, pois afirma que suas ações carregavam o peso de sua coroa e não apenas sua vontade individual, mas também reposiciona a imagem de Inês como uma donzela frágil e inocente, pega nas tramas da nobreza. A ideia de memória *vis* que permeia justamente as constantes reinterpretações do passado e da memória enquanto potencial, fazem com que novos personagens surjam: vingativos, mártires e homens do dever.

Contudo, não são apenas os portugueses que usam a imagem de Inês como frágil e em súplica. Os que foram capazes de criar a versão tétrica de uma cerimônia de beija-mão de um cadáver, também foram capazes de perpetuar um pouco mais a imagem dessa D. Inês, quase que uma santa. Trata-se de uma cantiga, um fragmento de um romance hispânico do século XVI, “*Io mestamdo em Coimbra*”, documentado no *Cancioneiro Musical da Bibliothèque Nationale Supérieure des Beaux-Arts de Paris*. Faz parte dos poemas épico-líricos que eram cantados com o acompanhamento de instrumentos e constituíam-se de fragmentos de canções de gesta, de serranilhas ou de crônicas, prestando-se à divulgação de acontecimentos históricos míticos ou lendários





(MALEVAL, 2004). Por sua natureza já explicitada, além dos versos, podemos analisar a música: o ritmo e a melodia, que se apresentam de forma linear e a letra interpretada por uma mulher, remetem ao ouvinte o pranto o sofrimento e súplicas de Inês, que estava prestes a morrer, (ANÔNIMO, intérprete: Música Antiga da UFF, 2004):

Io mestamdo em Coimbra  
A prazer ia bel folgar  
Por los campos de Mondego  
Cavallheros vi asomar

Desque io los vi mesqino  
Luego vi malo señal  
Que coraçon me dizia  
Lo que traíam em voluntad

Serqeme de mis hijuelos  
Pêra los ir a buscar  
Porque La inocencia delos  
Los moviesse a piedad

Puseme dealmte Del rrey  
Com muy grande humildad  
Tristes palabras didiendo  
No secando de lhorar

Si no te duele mi muerte  
Duelate ia tierna edad destes ijos de tu yjo  
Que auram de mi soledad

Podemos observar a descrição das súplicas de Inês, que estar ao lado de seus filhos levasse o rei a ter piedade de sua situação: *Serqeme de mis hijuelos/Pêra los ir a buscar/Porque La inocencia delos/Los moviesse a piedad e em Puseme delamte Del rrey/Com muy grande humildad*. Aparecem na cantiga traços característicos dos romances, como os versos em redondilha maior. A cantiga também traz logo em seu título uma informação histórica: Inês residiu em Coimbra, mesmo depois de ter sido proibida pelo rei D. Afonso IV, nos campos banhados pelo rio Mondego. Outro fragmento que também se assemelha bastante a essa cantiga é o poema que pertence ao *Cancioneiro Geral* compilado por Garcia de Resende, nas *Trovas à morte de D. Inês de Castro*:

[..]Estando mui de vagar,  
bem fora de tal cuidar,  
em Coimbra, d'assesego,  
polos campos de Mondego  
cavaleiros vi somar.[..]

[..]E quando vi que decia,  
saí à porta da sala,





devinhando o que queria;  
com gram choro e cortesia  
lhe fiz úa triste fala.  
**Meus filhos pus de redor  
de mim com gram homildade;  
mui cortada de temor  
lhe disse: -"Havei, senhor,  
desta triste piadade!"[..]**  
(RESENDE, 2009, Grifo nosso)

Apesar das semelhanças na letra das poesias, deve-se ressaltar que as trovas de autoria de Garcia de Resende fazem parte da poesia palaciana, uma “poesia sobre a corte para a corte” (MENDONÇA, 2005) que se afastou da poesia trovadoresca dos séculos XIII e XIV.

O Pranto de Inês também está presente na obra de Antonio Ferreira, ao dizer (SELLERS, 2005):

o Céu me inspira/os meios de abrandar a Affonso as iras./ **Irei co'os  
filhos a seus pés prostar-me:/** Ninguém resiste à voz da natureza:/ Por  
mais duro que seja o seu carácter, /Se tem um coração, ao ver os netos,/  
Abraçados em mim, chorar commigo/ Não poderá deixar de comover-  
se. (Grifo nosso)

A forma de tratar o mito trágico de Inês de Castro começa a se modificar com o passar do tempo, adaptando-se aos valores e costumes de cada época. Em *Io mestamdo em Coimbra*, nas trovas de Resende e de Antonio Ferreira, temos um rei que sente piedade, um príncipe que não abre mão de sua coragem, e uma Inês que se torna mártir após sua morte. Observamos que os valores ressaltados conversam com o caráter renascentista dessas obras: o desejo individual sufocado pelo coletivo. Na obra de Baptista Gomes (SELLERS, 2005), o conflito acontece na escolha entre as paixões e os deveres, Inês ganha um caráter barroco, ora deseja ficar próxima a Pedro, se enchendo de coragem e deixando temporariamente a imagem de vítima inocente, ora sente-se culpada e deseja sacrificar-se:

[..]  
Embora do Hymeneu os sacros laços  
Agora o meu amor lícito façam,  
Este amor foi no crime começado  
[...]  
Sim, se é delicto amar e ser amada,  
Meu coração, senhor, é criminoso  
Mas eu não sou culpada  
(SELLERS : 36-39)





Entretanto, Camões vai um pouco além do pranto inesiano. Seus versos trazem de forma mais intensa o amor se sobressaindo aos interesses materiais, enquanto que os versos já citados de García de Resende, por exemplo, parecem mais superficiais, apesar de também darem voz à Inês. O “puro amor” de Inês e o Amor fazem de Inês um só ser (BERARDINELLI apud AREIAS, 2000). O amor incondicional descrito por Camões imortalizou essa história ao lado de tantas outras: Romeu e Julieta, Tristão e Isolda. O mito criado de Inês é acima de tudo o mito do “Amor - Paixão” que tornou um ideal amoroso historicamente possível, superando um episódio único de ficção ou de registro histórico: ele pode ser reinventado ao longo dos séculos (SANTOS, 2005).

Passada esta tão próspera vitória,  
Tornado Afonso à Lusitana terra,  
A se lograr da paz com tanta glória  
Quanta soube ganhar na dura guerra,  
O caso triste, e dino da memória  
Que do sepulcro os homens desenterra,  
Aconteceu da mísera e mesquinha  
Que depois de ser morta foi Rainha.  
(...)  
«Tu só, tu, puro Amor, com força crua,  
Que os corações humanos tanto obriga,  
Deste causa à molesta morte sua,  
Como se fora pérfida inimiga.  
Se dizem, fero Amor, que a sede tua  
Nem com lágrimas tristes se mitiga,  
É porque queres, áspero e tirano,  
Tuas aras banhar em sangue humano.  
(CAMÕES, 2021)

### Considerações finais

Em nossas considerações finais gostaríamos de retomar o autor que citamos em nossa epígrafe. Ivan Junqueira, poeta brasileiro que retoma o mito de Inês e a linguagem utilizada por ele em seu poema, em *A Rainha Arcaica*, contempla muito da pluralidade *inesiana* (SOUSA, 2005) e de sua identidade nesse novo processo de memória *vis*: a criação de um mito. Como podemos ver no XIV poema, *Inês: o nome*:

Inês é nome que se pronuncia[...]  
É mais do que isso: códice da língua,  
raiz da fala, bulbo do lirismo.  
É gênese da raça e do suplício,  
arché do amor e substância prima.  
É mais ainda: tálamo do espírito,  
dessa alquimia de morrer em vida





E retornar na antítese do epílogo.  
(JUNQUEIRA, 2005 : 316)

O nome de Inês, segundo esses versos, quando é pronunciado traz muitos significados. Ele em si é toda uma tradição. Com o *códice da língua*, ele busca representar a origem de uma literatura. É também a *raiz da fala*, referindo-se à tradição oral na qual a história de Inês sempre esteve presente. Já no *bulbo do lirismo*, temos uma escolha interessante de metáfora aqui. Na biologia, o bulbo tem como função servir de reservatório nutritivo para que as plantas se renovem e renasçam. Inês de Castro é bulbo do lirismo, pois é dessa personagem que surgem histórias e histórias. O resquício do nome é fecundo. O elo entre o que já passou um dia pela existência terrena, mas transforma-se em poesia. É a ruína servindo de memória e de potência de reinvenção.

Inês de Castro traz consigo um grande capítulo da história, da cultura e da literatura portuguesa. Para ela o nosso ditado popular não se aplica. Nunca lhe será tarde. E nunca há de ser morta.

### Referências

ANÔNIMO. Intérprete: Música Antiga da UFF. In: **MÚSICA ANTIGA DA UFF Medievo-Nordeste**: Cantigas e Romances. Rio de Janeiro: Drum STUDIO, 2004. 1 CD. Faixa 7.

AREIAS, Laura. Lágrimas de Inês. In:\_\_\_\_\_.NOGUEIRA, Lucila (Org). **Saudades de Inês de Castro**. Recife: Editora Bagaço, 2005. p.117-125.

ASSMAN, Aleida. **Espaços da recordação**: Formas e transformações da Memória Cultural. Campinas: Ed. Unicamp, 2011.

CAMÔES, Luís de. **Episódio de Dona Inês de Castro**. [S.L]: Os Lusíadas, Canto III, 2021. Disponível em: <<http://www.alvarenga.net/canto3.htm>> acessado a 5 de dezembro de 2021.

COMTE, Pierre-Charles. **A Coroação de Inês de Castro em 1361**. 1849. Óleo sobre tela, 128 cm × 95 cm. Formato JPG. Disponível em <[https://pt.wikipedia.org/wiki/A\\_Coroe%C3%A7%C3%A3o\\_de\\_In%C3%AAs\\_de\\_Castro\\_em\\_1361](https://pt.wikipedia.org/wiki/A_Coroe%C3%A7%C3%A3o_de_In%C3%AAs_de_Castro_em_1361)>, 2020. Acesso em 10 de dezembro de 2021.

JUNQUEIRA, IVAN. A Rainha Arcaica. In:\_\_\_\_\_.NOGUEIRA, Lucila(Org). **Saudades de Inês de Castro**. Recife: Editora Bagaço, 2005. p. 303-316.

MALEVAL, Maria do Amparo Tavares. A perpetuação de cantares Medievais no Brasil. In:\_\_\_\_\_. **MÚSICA ANTIGA DA UFF Medievo-Nordeste**: Cantigas e Romances. Rio de Janeiro: Drum STUDIO, 2004. p. 2.





MENDONÇA, Helena. O Mito de Inês de Castro em Garcia de Resende e Luís de Camões. In:\_\_\_\_\_.NOGUEIRA Lucila (Org). **Saudades de Inês de Castro**. Recife: Editora Bagaço, 2005. p. 145-152.

NETO, Renato Drummond Tapioca. **Os amores de Pedro e Inês**: a história da dama galega que conquistou o príncipe de Portugal – Parte I. [S.L]: 27 mai 2021. Disponível em:<<https://rainhastragicas.com/2021/05/27/os-amores-de-pedro-e-ines-a-historia-da-dama-galega-que-conquistou-o-principe-de-portugal-parte-i/>> acessado a 5 de dezembro de 2021.

PESSOA, Fernando. **Mensagem**. São Paulo: Abril, 2010.

PINA, Rui de. **Chronica de El Rey Dom Afonso o Quarto**. Lisboa, 1936: Biblioteca Nacional Digital, 2009. Disponível em: <[http://purl.pt/339/3/hg-25075-p\\_PDF/hg-25075-p\\_PDF\\_24-C-R0075/hg-25075-p\\_0000\\_capa\\_t24-C-R0075.pdf](http://purl.pt/339/3/hg-25075-p_PDF/hg-25075-p_PDF_24-C-R0075/hg-25075-p_0000_capa_t24-C-R0075.pdf) > acessado a 27 de setembro de 2021, 21:15. p. 200-213.

RESENDE, García de. **Trovas que Garcia de Resende fez à morte de D. Inês de Castro**. [S.L]: Projeto Vercial, 2009. Disponível em: <<http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/resende.htm> > acessado a 20 de setembro de 2009, 19:32.

SANTOS, Gilda. Sobre a que “depois de morta foi rainha”. In:\_\_\_\_\_.NOGUEIRA Lucila (Org). **Saudades de Inês de Castro**. Recife: Editora Bagaço, 2005. p. 13-23.

SARAIVA, António José; LOPES, Oscar. **História da Literatura Portuguesa**. Porto: Porto Editora, 1975. 8ª edição. p. 157-163.

SELLERS, Maria Rosa Álvares. Do Conflito das paixões ao conflito dos deveres: Da *Castro* de António Ferreira à *Nova Castro* de João Baptista Gomes Júnior. In:\_\_\_\_\_.NOGUEIRA Lucila (Org). **Saudades de Inês de Castro**. Recife: Editora Bagaço, 2005. p. 25-50.

SOUSA, Jenifer Maria Miranda de. Algumas Intertextualidades Brasileiras no Episódio de Inês de Castro. In:\_\_\_\_\_.NOGUEIRA Lucila (Org). **Saudades de Inês de Castro**. Recife: Editora Bagaço, 2005.p. 229-236.

SOUSA, Maria Leonor Machado de. **Inês de Castro: um tema português na Europa**. 3ª ed. Lisboa, Portugal: Caleidoscópio, 2020.

